

Rúben Cunha

1983-1997




Lisboa | Março | 2010

Câmara Municipal de Lisboa | Comissão Municipal de Toponímia



Rúben Cunha

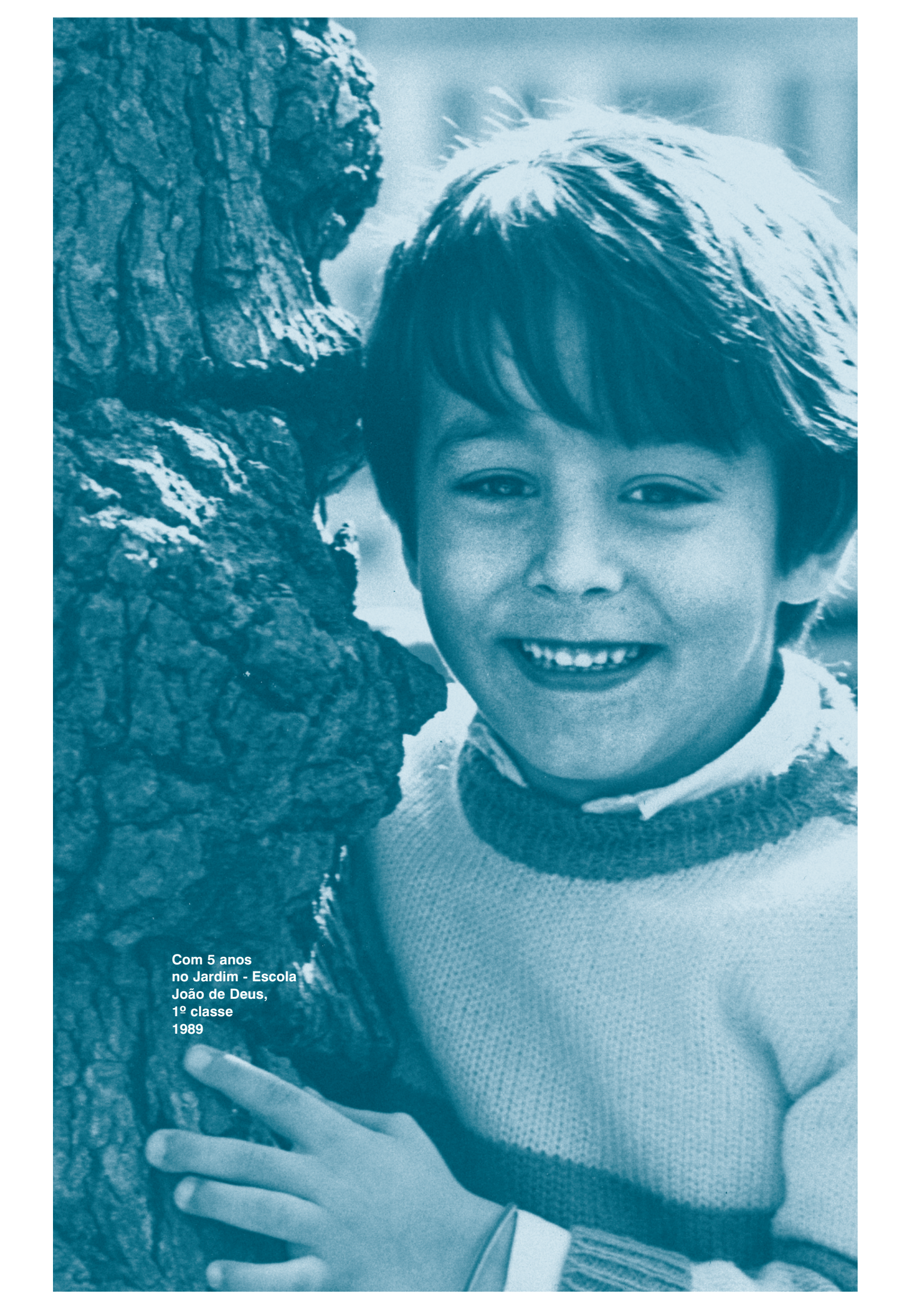




Rúben Cunha nasceu e estudou em Lisboa. Um filho exemplar e um estudante com sucesso. Com apenas 13 anos deixou de estar entre nós, por um absurdo acidente a que ninguém ficou indiferente.

Em sua memória, a Cidade de Lisboa presta esta singela homenagem ao Rúben ao atribuir o seu nome a uma rua da Freguesia do Lumiar.

O Presidente da Câmara
António Costa

A monochromatic blue photograph of a young boy with dark hair and bangs, smiling broadly. He is wearing a light-colored, textured sweater with a dark collar. He is standing next to a large, rough tree trunk, with his hand resting on it. The background is softly blurred.

Com 5 anos
no Jardim - Escola
João de Deus,
1º classe
1989



Aos 3 anos com o irmão gémeo Diogo no Jardim do Campo Grande, em Lisboa

Nota Biográfica

Rúben Tiago Lemos e Cunha de seu nome completo, nasce com o irmão gémeo no dia 28 de Setembro de 1983, em Lisboa, filho de Francisco José Couto e Cunha e de Maria Isabel Abreu Lemos e Cunha.

Com 11 meses é baptizado, no dia 9 de Setembro de 1984, na Igreja de Santo António de Lisboa (à Sé).

A partir de 1986, Rúben frequenta a infantil e conclui a primária no Jardim Escola João de Deus, na Avenida Álvares Cabral, em Lisboa.

Depois, ingressa em 1993 no Colégio Planalto, em Telheiras e com 13 anos completa o 8º ano, no ano lectivo de 1996/1997.

Aluno consciencioso e aplicado que em poucos anos de colégio recebeu duas menções de louvor, um quarto lugar de jovem escritor, um diploma e uma medalha de ouro. Segundo o ex-docente António Montiel *“Não era nenhum génio mas era extremamente empenhado, levava tudo muito a sério”*.



Com 11 meses,
no dia do Baptizado em 9/09/1984,
Igreja de Santo António em Lisboa

Rúben vivia também demasiado obcecado com uma futura carreira de medicina. Aos 13 anos já se preocupava com o *numerus clausus* para entrar e dizia que queria ser cardiologista.

Um dia, o professor e preceptor do Rúben, Veiga de Almeida telefonou aos pais, preocupado com a precoce obsessão deste por alcançar grandes notas para um dia ingressar em medicina. “*Tens muito tempo, espera pelo 9º ano para decidires*”, disse-lhe. Mal sabiam os dois que o interesse de Rúben pela medicina se perderia irremediavelmente no dia em que tocou no botão do semáforo. Nesse dia “Esperanças e Sabedoria da Medicina” de Jean Bernard, ficou para sempre com a marca na página 60.

Da última vez que a família visitou a Feira do Livro, em vez de procurar livros de aventuras e ficção, pediu aos pais que lhe comprassem livros sobre medicina e saúde.

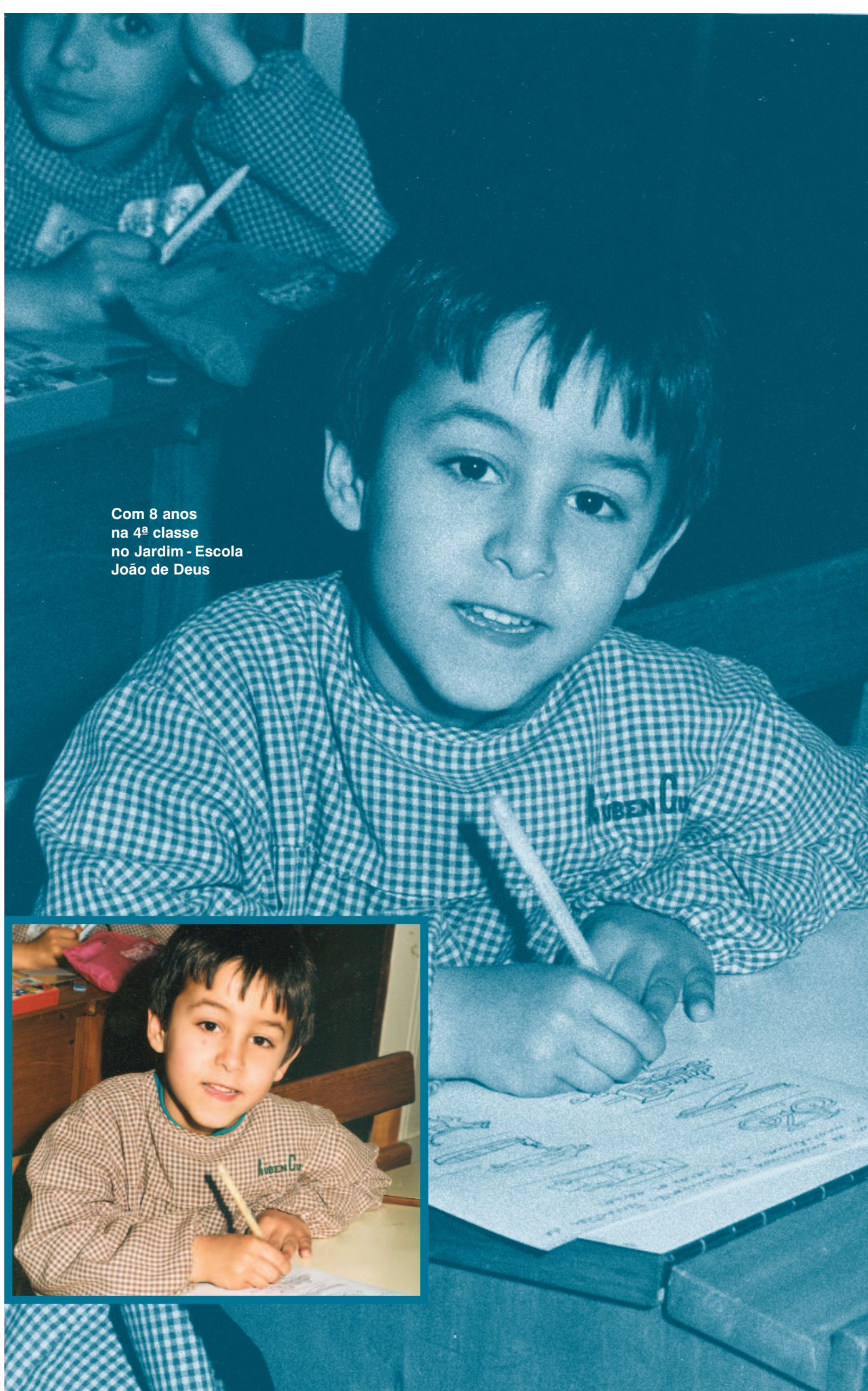
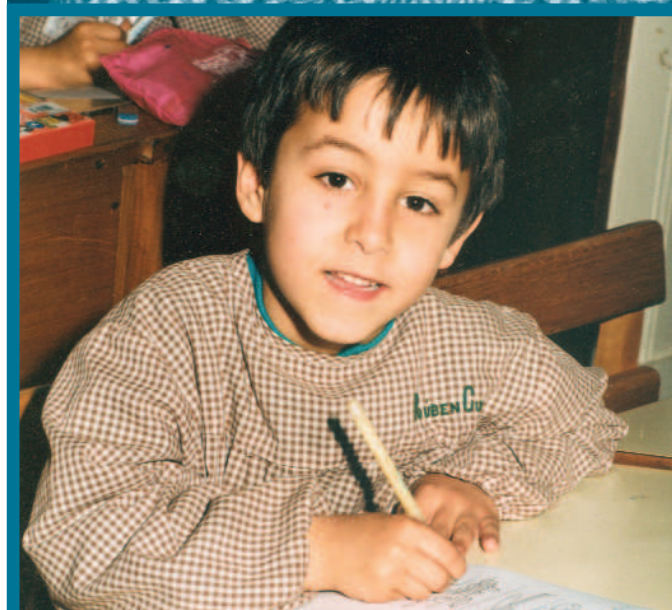
No Natal de 1996, Rúben recebeu de prenda “A Responsabilidade dos Médicos”, de J. A. Esperança Pina. Nas estantes do quarto empilhavam exemplares da revista “Saúde e bem estar”, “Anatomia Geral e Dissecção Humana” ou “O Grande Livro da Saúde” de Bartolomeu Beltran.

Rúben gostava de pintar e escrever histórias em estilo Enid Blyton, teve breves hobbies de ar livre como a equitação, o ténis e o mergulho.

No dia 7 de Julho de 1997, ao atravessar com colegas a passadeira para peões, junto ao Centro Comercial Caleidoscópio, no Campo Grande, é electrocutado ao premir o botão do semáforo. Passou para coma profundo, durante três dias, no Hospital de Santa Maria, ocorrendo a sua morte, em 10 de Julho de 1997, aos 13 anos, repousando o seu corpo num jazigo, no Cemitério do Lumiar, em Lisboa.

A Câmara Municipal de Lisboa presta uma homenagem a este jovem lisboeta, ao atribuir o seu nome a uma rua de freguesia do Lumiar.

Com 8 anos
na 4ª classe
no Jardim - Escola
João de Deus





Aos 12 anos Rúben com a mãe em Ponte de Lima, Dezembro de 1996

Até Logo Rúben

Meu Deus, que semana! Na tarde na segunda-feira, dia 7 de Julho de 1997, o Rúben acabava mais um divertido dia de férias com os seus amigos. De repente, Deus, na sua insondável Providência, permitiu que o Rúben, ao carregar prudentemente um botão do semáforo, encontrasse aberta a *luz verde* que o levaria ao Céu.

Meu Deus, que semana! Desde o momento do acidente, sem que os médicos poupassem esforços, começamos a rogar a Deus que concedesse a recuperação física do Rúben. Rezámos com esperança. Muitos! Muito! Acompanhámos os pais e o irmão do melhor modo que podíamos: e o melhor modo era pela oração.

A revolta pelo absurdo acidente, manifestada na repugna pública a que o dever cívico obrigava, não impedia que o sofrimento tivesse a serenidade dos filhos de Deus: se o Rúben

estava gravemente doente (ele, só ele, precisamente ele), não era pelo semáforo, mas porque Deus o tinha querido, para maior felicidade do próprio Rúben e – grandioso mistério! – para nosso próprio bem!

Serenidade dos filhos de Deus. Desde o dia 10, em que o Rúben subiu ao Céu, até ao dia 12, em que o seu corpo recebeu cristã e amorosa sepultura, a serenidade espiritual foi aumentando e envolvendo o ambiente dos familiares e amigos que vivíamos esses difíceis momentos. Sem histerias nem dramatismos. Com lágrimas, com piedade, com a serenidade dos filhos de Deus!

Como explicar este amável sofrimento? Seríamos todos santos? Nem por isso! Mas não há dúvidas de que a graça de Deus abundou nessas horas intensas. Experimentámos a certeza espiritual de que o Senhor já tinha consigo o Rúben eternamente feliz. E sentimos que o Rúben estava também, pela graça de Deus, ao pé de cada um de nós, dentro de cada um de nós: consolando-nos, ouvindo-nos, falando-nos, encorajando-nos, amando-nos...

Centenas de pessoas, familiares e amigos, concentraram-se na Igreja do Lumiar para o “último adeus” que, por vontade de Deus, e pela força espiritual que o próprio Rúben ia acrescentando no interior de todos, foi traduzido num “até logo”.

O Rúben veste neste último momento o uniforme do colégio. Sobre a urna está a faixa colocada pelo Director do Colégio: aquela faixa que o Rúben desejava receber quando acabasse o 12º Ano. Desde a sua morte até à sepultura foram celebradas três missas. Nas horas que antecederam o funeral, recitaram-se os três Terços do Santo Rosário de Nossa Senhora. Por toda a parte houve muita, calada e sentida oração.

Às 14h30, o Rúben era trasladado da Capela para a Igreja, não sem antes o seu pai ler os textos recolhidos numa pagela

editada com a sua fotografia: “*Até logo, Rúben*”, foi a conclusão do pai, ecoada pelos presentes: “*Até logo!* Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amén”.

Estes breves parágrafos da pagela, debaixo da fotografia sorridente do Rúben, serviram de guia nesse tempo de oração e de serena dor. A fotografia permitia manifestarmos discretamente o nosso carinho: com um piedoso beijo ao percorrendo com a nossa unha o suave perfil da sua cara. E os textos da pagela abriam sulco aprofundas considerações.

Aliás, o Capelão do Colégio, que durante os últimos quatro anos tinha acompanhado a formação espiritual do Rúben não deixou de considerar esses textos nas suas homilias:

-“Morreu na graça de Deus tendo recebido os últimos Sacramentos”. Aliás, era do conhecimento público que o Rúben se tinha confessado duas horas antes do acidente; e que, pouco depois de entrar no Hospital de Santa Maria, recebeu a Unção dos Doentes.

-“ Bem-aventurados (...) porque as suas obras os acompanham”. E o Capelão, à medida que a emoção lhe permitia, ia recordando o hábito do Rúben de cumprimentar Jesus no Sacrário quando chegava ou saía do Clube ou do Colégio, porque (como lhe tinham ensinado) Ele, Jesus era a pessoa mais importante da Casa. Além disso, todos eram testemunhas no Colégio do hábito diário do Rúben, depois do almoço e antes de brincar com os colegas, de passar dois minutos visitando o Senhor na Capela. Como também no final das aulas da tarde passava mais algum tempo de oração perante Jesus Sacramentado.

- “Com a fé e o amor (...) temos esta esperança (...) certa. Não é mais do que até logo”. A fé e o amor de Deus que o Rúben desde o Céu nos envia, animam-nos a seguir o caminho cristão que ele percorreu, com a feliz certeza de que, assim, também

nós chegaremos um dia à Casa do Céu, onde com Deus abraçaremos o Rúben e todos os nossos familiares e amigos que já nos precederam na vida eterna.

Tinha chegado a urna à porta do seu último destino. Todos, em silenciosa oração, acompanhámos as palavras do sacerdote e ouvimos novamente a voz do pai do Rúben.

Leu aqueles breves textos da pagela, com a força de quem tinha interiorizado plenamente o seu conteúdo. No final: “*até logo, Rúben! Tivemos muito orgulho em ter um filho como tu!*”. E com aquela sobrenatural serenidade, ficou sepultado o corpo do Rúben. E cada um seguiu para sua casa, com a certeza plena: o Rúben não ficava “lá atrás”, enterrado, mas acompanhava-nos, vivo, muito perto do nosso coração.

Ouviam comentários, sinceros. O Rúben era um rapaz normal, com defeitos. Mas com grandes virtudes. Entre as suas virtudes, brilhavam a sua piedade e a sua constância na luta contra os defeitos. Temos obrigação de rezar pelo Rúben, embora tenhamos a certeza *moral* de que não precisa já da nossa oração. Antes apetece rezar-lhe e pedir-lhe que consiga de Deus as graças necessárias para os seu pais e irmão, para os todos os seus familiares e amigos, a fim de que, depois de uma vida feliz na Terra, possamos também nós gozar com ele das alegrias eternas.

Meu Deus, que semana! Em menos de sete dias tínhamos perdido a companhia do Rúben e a tínhamos recuperado para sempre. Numa semana, o nosso curto olhar, de limitados horizontes terrenos, alargou o panorama e engrandeceu os ideais da nossa existência na Terra. A nossa vida ganhou o verdadeiro sentido: vivemos para nos amarmos todos juntos, e para sempre no Céu.

António Montiel

Professor e Preceptor do Rúben



Com 10 anos na Praia do Burgau/Algarve, depois de fazer mergulho
e com 4 anos na Praia da Rainha, Costa da Caparica

A morte é um MISTÉRIO que não podemos compreender.

É também uma separação que não podemos aceitar

Sobretudo quando é a morte de alguém

Que está no princípio da vida.

Mas, mesmo não compreendendo nem aceitando,

Podemos confiar.

Esta Associação que agora a família do RÚBEN vai criar

É um espaço de confiança.

Confiamos na vida e no destino humano,

Alegria de celebrar a memória de um filho

É também um acto de ajuda em relação aos outros.

E ajudar ajuda.

Sophia de Mello Breyner Andersen

Ao Rúben Cunha

Quando a alma
perdida no horizonte
das auroras boreais

é azul
e voa
como uma borboleta
à volta da luz
do candeeiro

da rua
o último desejo
é aninhar-se
na saudade
do ventre da mãe

Miguel Barbosa

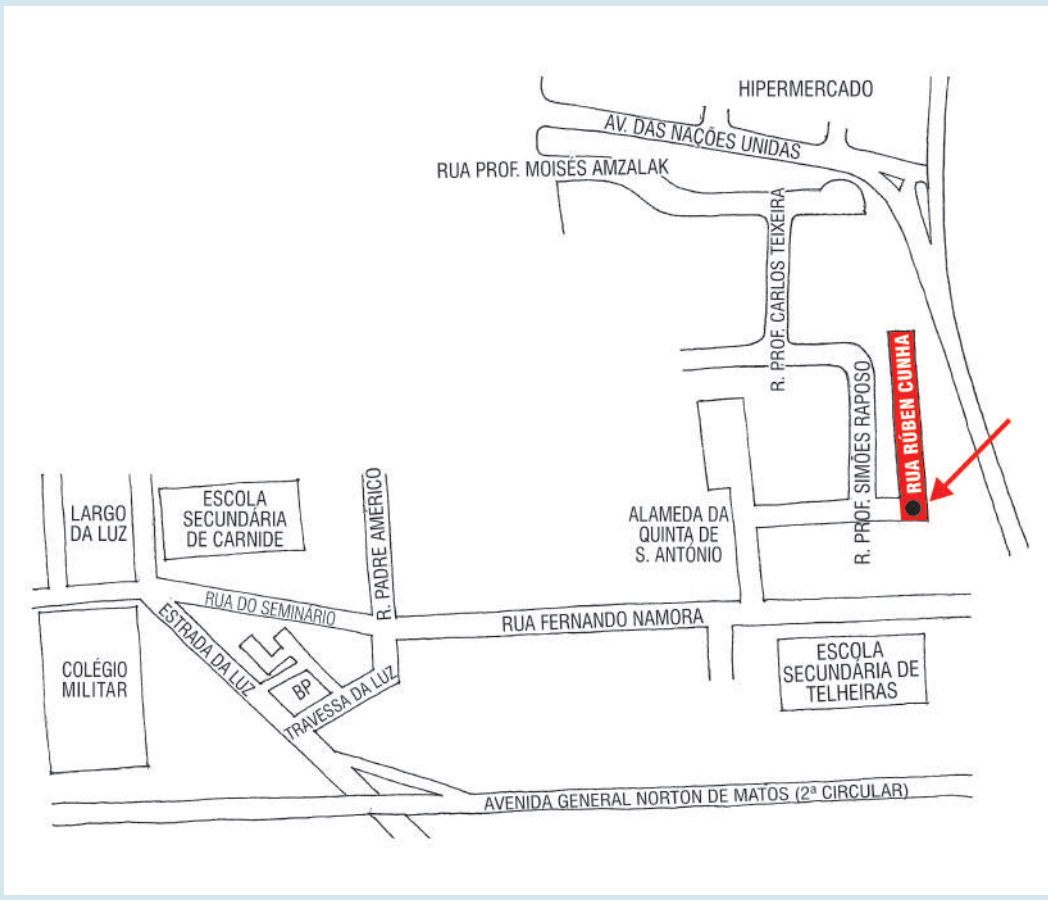
Poeta e Pintor



Com 12 anos na Praia do Burgau/Algarve,
durante as férias de Verão

Bibliografia

- Moção de Pesar, n.º 8/CM/97
- António Montiel, “Até Logo Rúben” in Catálogo da Exposição Colectiva de Pintura e Escultura no Pavilhão Branco, Museu da Cidade, Lisboa, 1998
- Miguel Barbosa, “Ao Rúben Cunha”, 1998
- Sophia de Mello Breyner Andersen “Rúben”, 1998
- Nuno Ferreira, “A estranha morte de Rúben Cunha” in Revista Pública, 27/06/1999
- Isabel Costa, “Rúben A Espera É um Pranto”, Oficina do Livro, 2001



FICHA TÉCNICA

Edição

Câmara Municipal de Lisboa
Comissão Municipal de Toponímia

Título

Rúben Cunha

Coordenação

Jorge Pereira da Silva
António Trindade

Design Gráfico

Rui A. Pereira | Elsa Pires | Teresa Sancha Pereira

Colaboração Gráfica

Albino Teresa | Manuel Rocha

Ano

2010

Depósito Legal

N.º /10

Execução gráfica

Imprensa Municipal de Lisboa

